

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

2º Curso de Treinamento de Monitores (pela equipe do SEC da Universidade do Recife).

Aula de Economia Brasileira

Professor Roberto Cavalcanti

Eu vou fazer uma análise da Economia Brasileira atual, uma análise o mais possível geral, o mais possível feita dentro de grandes esquemas, de grandes generalizações e depois, numa 2ª etapa o de mostrar - como nós poderíamos usar este material, para a análise das situações sociológicas que vocês sabem ser o ponto de partida do método de alfabetização que vocês estão estudando.

Vocês viram, durante esta semana, que de face da definição de uma situação sociológica determinada, existente no grupo que vocês vão alfabetizar, e a partir da discussão com o grupo desta situação sociológica e, da retirada dela dos elementos de debate, de conscientização que ela sugere vocês passam então para a visualização do vocabulário e para as partes da alfabetização propriamente dita.

Nós vamos na 1ª parte, tentar uma visão geral desta economia brasileira, como uma contribuição ao esclarecimento das situações sociológicas do grupo.

Vocês sabem que a atividade econômica abarca um setor da atividade social do homem muito importante, dentro do mundo moderno. A atividade ligada à produção de bens, à produção de riquezas, tudo aquilo que o homem faz com o objetivo de prestar serviços ou de contribuir para a criação de um bem a atividade de um operário, a atividade de um camponês são atividades econômicas. Aquêles setores de atividade ligados aos transportes, às comunicações, têm também, a sua importância econômica como também as atividades de consumo, de distribuição, de comercialização de produtos, nós poderemos ver que tudo aquilo que o homem faz, e que é medido em dinheiro, que tem a sua expressão em preço que tem o seu valor monetário, tem significação para a ciência econômica, para a economia.

E daí vocês compreendem como é importante o setor de atividades básicas, ligado à ciência econômica.

Nós vamos considerar uma economia nacional determinada. No caso, a Economia Brasileira.

Toda a Ciência, vocês sabem, tem seus instrumentos de análise. Tem seus métodos de estudo de um problema. Nós temos então um objeto - qualquer para a análise científica. Nós podemos utilizar para análise - desse objeto várias perspectivas de método, vários caminhos de análise.

Nós vamos tentar aqui uma combinação de critérios, de análise - para esclarecer o mais possível, dentro de uma visão geral o estado atual da economia brasileira.

A economia é uma atividade do homem, que tem a sua medida em preço, que tem o seu valor monetário. É um sistema econômico qualquer como o sistema brasileiro, procura organizar, estruturar esta atividade econômica dentro de um complexo de relações dentro de um sistema, dentro de um quadro, dentro de uma moldura de relações econômicas.

Nós podemos então, dentro da Economia Brasileira, falar em vários setores de atividades econômicas.

Um setor econômico, um setor da economia é uma faixa de atividade produtiva. Por exemplo: a agricultura é um setor de atividade econômica, a indústria também é um setor da atividade econômica. A indús-

tria automobilística já seria um sub-setor, um setor menor, dentro de um setor maior, o setor industrial. E assim nós podemos classificar, dentro de uma economia qualquer, os diversos setores em que ela se organiza, em que ela se estrutura, num momento dado.

Vejam então o caso da Economia Brasileira. Nós podemos observar que ela se estrutura hoje em três grandes setores, em três grandes faixas de atividade produtiva.

O primeiro dêles é o tradicional setor da Economia de Exportação.

O outro podemos chamar o da Economia Agro-Pecuária.

E o terceiro o da Economia Industrial.

A Economia de Exportação corresponde ao tipo de economia tradicional, existente no país, desde a fase da colônia. A Economia do açúcar é uma economia exportadora. A do café também, a do algodão pois em parte ainda é uma economia de exportação.

O que caracteriza a economia de exportação é que ela produz para vender, no mercado internacional. Ela produz para fora. Ela produz para centros de consumo, localizados fora do país. Quando vocês estudam a história da economia do açúcar, por exemplo, que está mais próximo de nós, o certo é que toda a produção em grande parte dela é transferida da colônia para a metrópole. Ela é exportada, ela é lançada no mercado internacional. Neste sentido então, uma economia de exportação depende das decisões externas, para se desenvolver. Ela só cresce quando o consumo de açúcar ou de café cresce. Quando a procura de café cresce. E se esta procura diminui ou se reduz, a economia pode encolher nas suas estruturas, pode regredir, ou pode estacionar. Se ela continuar produzindo além da procura internacional gera-se os excessos de produção; excesso de café não vendido e estocado, etc..

Este é o esquema de desenvolvimento da economia de exportação. Ela é uma economia dependente, reflexa, periférica. Aqui está o centro das decisões, aqui estão as metrópoles. Em torno delas se localizam as economias periféricas que se comunicam com o centro, que lançam a sua produção para o centro, para as metrópoles e que dêles dependem para se desenvolver. É a economia da periferia. É a economia que é um reflexo, que é uma projeção do sistema econômico do caso dêles, do caso, metropolitano. Vejam então este aspecto da economia colonial, importante para a sua caracterização. Ela é uma economia reflexa. Ela é uma economia dependente.

Este fato vai marcar toda a sua estrutura, todo o modo do seu desenvolvimento.

Certos detalhes que a gente pode lançar como ponto de referência refletem isto. Vocês olhem o traçado das estradas de uma economia colonial. Observem, é um traçado que conduz toda a produção para o porto que é o centro de exportação. É um sistema rodoviário concebido como uma bacia de escoamento da riqueza do interior para o Porto. Isto é um aspecto de infra-estrutura, a organização do sistema rodoviário, sistema de comunicação, de escoamento da produção como uma bacia hidrográfica, que iria engrossar a caudal da exportação.

O porto é o veículo de comunicação,

O porto liga a economia colonial aos centros de consumo.

Vocês observem no mapa do Brasil que ainda hoje o traçado das estradas corresponde a este tipo de estrutura, de produção. Há uma concentração de estradas para o Recife, por exemplo como há para Santos ou para o Rio de Janeiro, marcando o modo de desenvolvimento da economia colonial.

Vejam outro aspecto desse fenômeno, como a economia brasileira se localizou na costa Atlântica sobretudo, de costas para o interior do país, voltando-se para fora. É o caráter de dependência econômica marcando este fenômeno. E já um historiador da colônia observava que os usineiros são como caranguejos que se ligam apenas a costa, que se agar

ram apenas à costa, sem penetrar para o interior. A observação do frade reflete este fenómeno da economia colonial, que não é somente a brasileira, mas todas aquelas economias periféricas da América e da África geradas em função da expansão da Europa, a partir do século XVI.

Outro aspecto, outro dado importante, mostra como se organiza a economia como a do açúcar, ou como a do café.

Ela se baseia na monocultura, ela produz um produto de exportação, um bem exportável, ela se baseia na grande propriedade da terra, do latifúndio.

A economia do açúcar, por exemplo, concentra o latifúndio em função de uma unidade de produção, que é o engenho ou que é a usina mais tarde.

Toda a produção agrícola, é canalizada para os centros de beneficiamento, o engenho, caracterizando o esquema da alta do custo. E assim se sucedem ao grande latifúndio do açúcar, todos eles fechados dentro da sua estrutura, todos eles se ligando ao porto e através do porto, à metrópole consumidora. Vejam então que não há interêsse econômico de comércio, de troca, de gerações internas entre a grande estrutura dos canaviais, por exemplo, ou do cacau. Porque antes produzem um mesmo bem o açúcar, o café e não há interêsse em trocar o mesmo bem. O sistema permanece fechado, dentro da estrutura do latifúndio, dentro da estrutura do monocultor. Não há inter-relação de trocas, não há fluxo interno, não há comércio interno, dentro da estrutura monocultora. Ela se volta toda para fora. É uma economia extrovertida, no mau sentido. Ela é voltada para centros de decisão econômica situados fora do país.

A economia brasileira se desenvolveu até recentemente sobretudo com base nessa estrutura colonial, de produção. O tipo da economia exportadora.

Outro grande setor da economia brasileira é o setor agro-pecuário. Se vocês estudaram o desenvolvimento dessa economia de abastecimento, que é a economia agro-pecuária sobretudo produtora de alimentos cereais, carne, criação, etc.. Vocês estudaram o desenvolvimento desta economia agro-pecuária, digamos no Nordeste. Vocês têm na zona úmida do litoral a economia canavieira: Monocultora, que só produz açúcar. Ela tem necessidade de abastecimento. Ela tem necessidade de consumir produtos alimentícios. Vai gerar então, no interior, na zona menos aproveitável para o açúcar ou seja zona semi-árida, ou sub-úmida, vai desenvolver em torno do São Francisco, do Parnaíba, em todo este interior do Nordeste, a economia agro-pecuária.

Se diz então que o Nordeste se povoou com o gado. O gado foi fator de povoamento.

E esta economia agro-pecuária do Nordeste vai abastecer com a tração animal para os engenhos e com alimentos vai abastecer a classe canavieira.

Vejam então a dupla relação de dependência que mostra. A economia canavieira depende do mercado externo, para se desenvolver. A economia de abastecimento agro-pecuária é função da economia do açúcar. Esta dupla relação de dependência caracteriza o sistema econômico brasileiro.

O que vocês podem sentir bem aí é que uma vez estagnado este sistema do açúcar os reflexos sobre a economia agro-pecuária são sensíveis e ela entra numa fase de declínio, fase de esgotamento, fase de isolamento progressivo.

A economia agro-pecuária é a responsável no país atualmente, pelo setor de abastecimento. É ela que fornece alimentos para as populações rurais e urbanas. É ela se origina em função deste tipo de desenvolvimento histórico. Quando se desagrega o sistema colonial do açúcar, a economia agro-pecuária se fecha na sua estrutura e vira economia de subsistência.

A economia de subsistência é o tipo de economia auto-suficiente.

Ainda hoje vocês observam no interior do Nordeste que a grande parte da população produz muito para o próprio consumo. Produz cereais, consome uma parte que produz, comercializa, vende apenas uma parte. É assim com as fazendas, também. É um tipo de economia fechada, que se isolou do sistema em função da desagregação do açúcar, do século XVIII. A economia então parou e regrediu, e encolheu em suas formas de desenvolvimento.

O que acontece então com esta economia é que as populações aqui geradas, em função da própria natureza do sistema, começam a não encontrar preços na terra. Começam a se formar populações excedentes. Há dificuldades institucionais e até com a terra. A propriedade limita a utilização da terra. A grande propriedade limita o acesso à terra, gera-se então dentro desse sistema uma população excessiva, que não encontra emprego, que não se utiliza, como força de trabalho e ela então foi impelida a se transferir para outras regiões do país. Surge o problema das migrações externas, dentro do sistema e de um sistema para outro.

Sobretudo no Nordeste porque elas tendem a superpovoar as cidades litorâneas. Recife e Fortaleza são cidades que duplicam as suas populações de 10 em 10 anos e isto não se deve a incentivos econômicos porque Recife e Fortaleza não são cidades que se industrializam com este ritmo. Isso se deve a transferência de populações do interior para os centros urbanos atraídas por atrativos assim, ilusórios. Estas populações vivem no centro urbano sem emprego, pressionando para conseguir emprego, gerando um círculo de emprego em torno das cidades capitais do Nordeste.

Este é um fenômeno que mostra um desequilíbrio da estrutura, ao nível da obrigação da terra, ao nível do emprego, mais racional da força de trabalho humano, dentro do universo econômico.

Nós dizíamos que esta economia agro-pecuária, que se desenvolveu no caso do Nordeste, também em outras regiões do país como é o caso do Sul, é uma economia de abastecimento.

Ela abastece a necessidade de consumo de alimentos, da população do país.

O Brasil hoje detém no mundo uma das faixas mais elevadas de crescimento da população, de crescimento demográfico.

A faixa de crescimento demográfico do país está em torno de 3,1% ao ano. O que significa que em um ano sobre 1000 pessoas se somam 30. O número de nascimentos sobre o de mortes é maior em 30. É um dos crescimentos mais altos no mundo. Um crescimento de população significa um aumento de bocas para alimentar. O crescimento da necessidade de consumo de alimentos, de população, consumo de vestuário, etc., etc..

É evidente isto. O crescimento da população acarreta crescimento das necessidades de consumo de alimentos.

Mas na economia brasileira não só cresce a população como cresce também a renda média. Há uma faixa de 3,7% ao ano. Se vocês excutarem o ano de 62 que foi um ano atípico, foi um ano problema, um ano que não correspondeu a esta expectativa de crescimento.

Ora, quando cresce a renda, digamos do operário em 2 ou 3 mil cruzeiros ele irá, muito provavelmente empregar este dinheiro na compra de alimentos, vestuário, etc..

De forma que do crescimento da renda é claro que irá acarretar um crescimento no consumo de alimentos.

A classe média consome alimentos em maior quantidade e em melhor qualidade do que a classe operária que tem seu consumo ao nível mínimo suportável. Daí a expressão salário mínimo que reflete justamente esta realidade.

De forma que é evidente que a necessidade de consumo de um país como o Brasil, em processo de desenvolvimento, cresce muito e vai pressionar o setor de abastecimento. Vai incidir ali. É necessário então

que esta economia agro-pecuária cresça a uma faixa suficiente para cobrir essas necessidades geradas aqui. Para cobrir as necessidades de consumo. Na verdade isso não tem acontecido. A economia agro-pecuária brasileira tem crescido a taxas inferiores a 2,8% ao ano. Ela tem se revelado incapaz de alimentar a população do país, crescendo em quantidade e em nível de renda.

Este é um dos grandes desafios que a economia brasileira apresenta hoje. O de desenvolver o seu setor de produção de alimentos, seu setor agro-pecuario.

E quais são os grandes obstáculos ao desenvolvimento da economia agrícola do Brasil? São sobretudo de ordem funcional isto é, o latifúndio, a grande propriedade, a dificuldade de acesso a terra e a produção, são de ordem também de natureza humana e técnica. A tecnologia empregada na agricultura primitiva, o homem não funcionando como fator de produção ao nível da tecnologia moderna, enfim uma série de obstáculos, sobretudo de natureza institucional, de natureza social e política que se faz necessário superar, o mais rápido possível para que o desenvolvimento da economia de abastecimento acompanhe o desenvolvimento das necessidades. E não só acompanhe mas supere, porque é evidente que o Brasil é um dos países onde há um sub-consumo, onde as populações consomem menos do que o normal exigido pelas necessidades humanas. É preciso então combater o sub-consumo desenvolvendo o setor de abastecimento, a produção de alimentos.

Aí está esquematizado assim, nas suas linhas gerais o grau de desafio que enfrenta este setor da economia brasileira na sua fase atual o setor da economia de abastecimento.

Desenvolve-se as cidades, crescem as necessidades de consumo e a economia agrícola se revela estagnada, se revela rígida. Não responde com respostas decisivas a estas necessidades de consumo e fica lá emperrada, na sua estrutura estéril, baseada no latifúndio, no tipo de economia monocultora, que foi funcional numa certa época do nosso desenvolvimento mas que hoje não mais corresponde às necessidades do país.

Pergunta: O Sr. pode dizer porque a economia agro-pecuária não (incompreensível).

- É fácil explicar isto quando a gente procura estudar o mecanismo do desenvolvimento da economia colonial. Vocês sabem que quando uma cidade cresce e a sua população, cresce o nível de renda; o fenômeno natural seria que ela fôsse estimular a produção. Uma cidade se desenvolve. Com o seu desenvolvimento, desenvolve-se a necessidade de abastecimento de alimentos. O normal é que ela fôsse estimular na sua periferia o desenvolvimento de unidades de produção, ou de abastecer as suas necessidades de consumo. Numa economia como a brasileira o testuário à base do Recife, por exemplo. O Recife é uma cidade que tem amplas necessidades de consumo de alimentos e que tem grandes dificuldades de abastecimento, pelo fato de estar rodeada pela economia canavieira que é a economia tradicional do nosso setor.

Na época do desenvolvimento áureo, da economia canavieira do século XVII, os centros urbanos não tinham importância demográfica, no Nordeste. Eram limitadas as necessidades de consumo. Então a economia agro-pecuária que estava no interior podia reabastecer centros de consumo pequenos.

Hoje lugares como Recife pressionam toda a região para que essa região venha abastecê-la. E surgem então os obstáculos a que me referia. A indústria canavieira é uma monocultura. Ela está nas mãos de uma classe dominante, a classe do senhor de engenho, que decide sobre a terra. É ele o dono da propriedade. É ele então quem tem poderes de decisão sobre a terra. E dentro da organização tradicional da usina a economia canavieira é uma economia monocultora. Ela produz apenas cana, um produto de exportação.

Continua a ser uma ilha cercada de cana por todos os lados. E continua a ter problemas de abastecimento em função de uma estrutura agrária afuncional,, que não mais corresponde as suas necessidades.

Posso dar a vocês um exemplo muito interessante de uma indústria a canavieira nesta area, em Pernambuco, que conseguiu reduzir a sua área de cultivo pela metade, na região. E através de uma certa legislação desenvolvida, nesta metade da area manteve o mesmo nível de produção. Duplicou a produção por hectare, usando legislação e processo por terra adubos, etc. e liberou metade das suas terras que eram praticamente sub-utilizadas ou semi-utilizadas. Isso acontece em todo o Nordeste canavieiro, sobretudo nas áreas mais férteis da zona canavieira. Há uma sub-utilização do fator terra que é precioso na região como o Nordeste.

Vejam então, a terra é uma barreira de natureza institucional. E prejudica o setor de abastecimento. E' por isto que a gente diz que a economia agro-pecuária é dirigida. Ela não responde aos estímulos que provem dos setores urbanos, porque ela tem obstáculos, dentro dela a esta resposta. Ela fica ancilosada, ela fica envilhecida, ela fica esclerotizada na sua estrutura, consegue reagir a estes estímulos, não responde a eles. Surgem problemas, então, que são desequilíbrios internos dentro dos centros econômicos desenvolvidos.

Esta explicado?

Aparte: A reforma agrária não seria uma forma de solucionar o problema?

- A reforma agrária, se você entender como reforma do sistema agrário, eu acho que sim. Porque a gente tem que considerar a Reforma Agrária como um problema complexo. E' importante reformular as estruturas latifundiárias, redistribuir as terras de maneira mais funcional, mais racional. Mas isto só é apenas uma parte fundamental do problema. A partir daí é preciso desenvolver as técnicas de produção. E' preciso capitalizar a economia agrária. E' preciso aperfeiçoar as técnicas ao lado do homem, da importância da extensão agrícola, conhecendo novas técnicas de irrigação. Só a modificação do sistema agrário, parece que isto é um ponto pacífico hoje, e não apenas da estrutura latifundiária, e que pode resolver o problema da produção de alimentos. Vocês observam - que nos países subdesenvolvidos ou menos desenvolvidos, 60 a 70% da população do país está no campo, na produção de alimentos. E esta quantidade de gente trabalhando não consegue alimentar este país. Todos eles - tem sub-consumo. Todos eles têm fome crônica, etc..

Nove por cento da população norte-americana, com técnicas desenvolvidas, me parece de 12 a 20% da população soviética conseguem abastecer todo o país e ainda sobram excedentes agrícolas que vocês conhecem.

E' um problema então de tecnologia, de aproveitamento racional de recursos de capitalização e não somente problema de estrutura. Se bem que a estrutura seja parte inicial. Seja o primeiro passo para possibilitar uma reforma do sistema.

O terceiro setor da economia seria a economia industrial, no caso do Brasil. E' este setor dinâmico no desenvolvimento do sistema econômico. O desenvolvimento industrial brasileiro data de 30 anos mais ou menos, na sua fase mais dinâmica, mais recente. E' certo que no século XIX nos conhecemos já tentativas do desenvolvimento industrializado. E' o caso da Experiência de Mauá. Nos podemos dizer que desenvolvimento industrial se caracteriza como desenvolvimento em progressão, como desenvolvimento auto-financiado, a partir da década dos 30, nos últimos 30 anos da nossa história econômica.

O crescimento de uma indústria dentro de um país como o Brasil, desloca inteiramente os centros das decisões econômicas. Antes produzia para vender fora, se preocupava com os mercados internacionais. A indústria nacional produz para o mercado interno, se volta para dentro do país. Se volta para as possibilidades que tem os brasileiros de comprar os seus produtos. Isto é uma modificação completa na estrutura de produção. E isto vai dar consciência, vai dar progressiva autonomia ao sistema brasileiro que baseia seu núcleo industrial entre Santos-São Pau

lo e baseia a propósito de autorização, no desenvolvimento da economia capitalista na base da apropriação privada, os fatores de produção.

Vocês sabem então que o desenvolvimento industrial uma vez iniciado, uma vez deflagrado pelo processo, cada vez mais vai se desenvolvendo por um curso interno, ele cresce na medida em que cresce o mercado interno, a medida em que cresce a sua área de influência, ele vai gerando dentro do país fluxo de comércio, fluxo de intercâmbio em função dos centros de decisão da indústria nacional.

E' assim então que a gente vê o país hoje. E' uma economia que tem como base dinâmica como impulso do sistema um núcleo industrial, em crescimento, que tem a economia de exportação como um setor ainda de importância, porque financia a nossa necessidade de importação. E que tem na economia agro-pecuária rígida ainda reflexo da estrutura tradicional da economia do país e que precisa ser integrada dentro da economia como um todo. Para que ela seja integrada precisa de romper barreiras, romper obstáculos aí dentro. Romper obstáculos como os que nos referimos aqui a começar pela estrutura da propriedade. Este então o esquema geral que a gente poderia desenvolver e poderia analisar. E fica este esquema para vocês como uma orientação, como um ponto de referência para estudos, para debates que vocês vão certamente desenvolver a partir da experiência em que vão se empenhar.

Mas esta é uma perspectiva de análise. Quero dizer a vocês, que a gente pode situar o problema a partir de várias perspectivas, a partir de vários prismas metodológicos. Este, a análise por setores, seria um deles. Há outros, eu vou explicar apenas mais dois, para vocês.

O segundo seria a análise que se preocupasse sobre tudo com o fator geografia, com o fator geo-econômico.

A pergunta seria então: - Na fase atual do desenvolvimento brasileiro, quais são as grandes áreas econômicas do país, quais são os grandes sistemas econômicos, dentro do quadro da economia brasileira?

Esta análise vai revelar a existência de três grandes áreas, de três grandes sistemas econômicos dentro do país.

Vamos superar esta divisão tradicional do IBGE, das áreas geo-econômicas do país, que não tem hoje muita significação geo-econômica. A gente pode observar em função do modo como se encaminha o desenvolvimento brasileiro, hoje, E' que o país tende a se integrar dentro de um sistema homogêneo. E é ao que já pertence o desenvolvimento nacional. Nós somos uma unidade geográfica, evidentemente, continuidade geográficas, nós somos uma unidade política também, porque temos centro de divisão com base na Federação e na União. E somos, grosso modo, um centro, uma unidade cultural, pelo menos no sentido das tradições, da língua, da cultura de um modo geral. E somos uma pluralidade econômica. Há no Brasil vários sistemas que a gente pode diferenciar, que a gente pode isolar, com características próprias, mas há nivelamento, uma tendência para integração em função dos núcleos de decisão que estão no sul.

A gente observa até uma modificação no traçado das rodovias. Eu observei como a rodovia era, no sistema colonial uma bacia de escoamento.

No Brasil já começa a deixar de ser assim. Vejam o caso da Rio-Bahia, por exemplo. Vejam se o plano desenvolvimento de Kubitschek, idealista como foi, concebido em função de Brasília, mas inteiramente voltado para o país, no sentido de ligar regiões internamente, de estruturar, portanto, uma rede de rodovias que possibilitem o comércio, que possibilitem a integração econômica do país.

O sistema Kubitschek seria o que a gente poderia chamar de sistema rodoviário alienado. Por motivo de não ser voltado para fora, de considerar a comunidade geográfica e demográfica brasileira e procurar ligá-la, procurando uma integração idealisticamente.

Quais seriam então os três grandes sistemas econômicos integrando-se em processo de integração?

Primeiramente seria o Centro-Sul do país. É o sul tradicional: Rio Grande, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, a Guanabara, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas, Goiás e Mato Grosso (Centro-Sul do país). Não há dúvida que o sul é um sistema integrado. Ele tem um desenvolvimento muito grande, ele tem sistema de rodovias integrado, tem seus núcleos de decisão - São Paulo e Guanabara. E, a transferência da capital para Brasília, vai cada vez mais integrando o Sul de Goiás e parte de Mato Grosso, dentro deste sistema.

Vocês podem observar através das rodovias porque são as veias de comunicação, são os elos de integração de um sistema econômico. Vejam como Brasília hoje se liga com todas as capitais do centro-sul do país, desde o Rio Grande até Goiânia, por exemplo, e não se liga ainda com nenhuma das capitais do Nordeste. A integração do Centro-Sul, em função de Brasília, ligando Goiás-Mato Grosso é muito grande, e isto a gente sente até nos traçados das rodovias. É a região mais importante do país. Do ponto de vista demográfico vocês têm aí 75% da população do país, vocês têm 82% da renda, a riqueza gerada anualmente e vocês têm mais ou menos 40% da área total do país. É aqui onde se concentram as decisões políticas, também. E as decisões de produção e os grandes centros de consumo e os grandes centros urbanos.

É portanto o lugar das decisões econômicas e políticas.

O segundo sistema é o do norte do país. Estado do Acre, Amazonas e Pará. A Rondonia, o Território Rio Branco e o Amapá. É aquela região em função da margem do rio Amazonas.

Não se trata de um sistema propriamente. É importante observar. A Amazônia é mais uma região para povoar. É mais uma região para colonizar do que propriamente uma região a desenvolver. Um sistema, como já observei implica em integração, transporte, comunicação, fluxo de riqueza, rede bancária. E isto a Amazônia ainda não pode ter, pelo fato dela ter uma grande extensão de terra e a população como um dado muito pequeno e o capital, terceiro fator de produção muito menor ainda.

Há uma desproporção muito grande entre o fator terra e os outros fatores do desenvolvimento: o homem e o capital.

E a Amazônia é um vazio demográfico, propriamente. Uma região de muitos recursos a explorar mas uma região a colonizar, ainda, uma região a desenvolver no sentido de ser uma região a povoar e a integrar economicamente.

É uma área que tem apenas 3% mais ou menos, da população do país, tem 2,5% mais ou menos da renda do país, e tem também uns 42% com dados aproximados da área geográfica do país.

O terceiro grande sistema econômico brasileiro, finalmente, é o do Nordeste. Incluindo o Maranhão e a Bahia. É o Nordeste que está sob a jurisdição da SUDENE. O Nordeste tem 34, 35% mais ou menos da população total do país. Mas tem apenas uns 14 a 15% da renda gerada, da riqueza. E tem 18% da área do país. A partir daí a gente pode sentir o problema do desequilíbrio regional, que é um dos problemas mais sérios que enfrenta a atual conjuntura brasileira. Vocês têm uma concentração da renda, muito grande, na região Centro-Sul. E a uma população que equivale a 35% da do país, a população do Nordeste corresponde apenas 15% da renda. Vejam que desequilíbrio. O que significa isto? Que a renda média do Nordeste é apenas um terço da renda média do Centro-Sul que as possibilidades de vida, as possibilidades de esperança dentro de um país se desnivelam muito. Há uma série de desequilíbrios internos desafiando a sua correção e uma integração do país em sistema unitário significa a superação quase integral deste desequilíbrio ao nível da renda, ao nível da distribuição da riqueza. É este o grande desafio que nos apresenta a análise geo-econômica do Brasil.

Os três grandes sistemas são sistemas diferentes ou sistemas desiguais. Um, o da Amazônia, é preciso desenvolver, o do Norte é preciso povoar. Outro, o do Nordeste é preciso promover para um nível mais alto

em riqueza, superando a miséria, superando o excedente populacional, o desemprego, etc.. Toda a série de fenômenos ligados a realidade nordestina, em particular.

O grande problema de um país como o Brasil, na sua fase atual, é um problema de desenvolvimento. É um problema de criar riquezas dentro do país, mobilizar a sua população, para um crescimento dessa riqueza.

É por isso então que na fase atual do desenvolvimento brasileiro, estas preocupações com o fator econômico, com a planificação são preocupações prementes. Ocupam quase que inteiramente a nossa imprensa os nossos debates, as nossas discussões.

O problema do desenvolvimento das áreas sub-desenvolvidas do mundo é o grande desafio que o século XX enfrenta e que enfrenta sobretudo a nossa geração.

Esta então seria a terceira perspectiva de análise. Mas não vamos estudar agora nem os setores de uma economia, nem a sua distribuição em áreas geográficas mas vamos ver como é que a gente pode arrumar a coisa, para que um processo de desenvolvimento se deflagre, para que a gente tenha segurança porque nós estamos caminhando para superar todo este quadro de subdesenvolvimento em que nós estamos.

Esta perspectiva seria a perspectiva dinâmica. Nós iríamos estudar o processo, ver quais são os caminhos a seguir; quais são as perspectivas que se estão abrindo, quais são as metas que nós devemos perseguir.

E esta parece que é a análise mais atraente, porque é uma análise que em termos sobre toda a nação, que decide sobre o nosso futuro. É uma opção que vai comprometer todo o projeto brasileiro, tudo aquilo que a gente pretende ser e pretende atingir como nação.

O que nós temos que perguntar agora é o que é uma nação subdesenvolvida, o que é um país subdesenvolvido, o que é o subdesenvolvimento.

Vocês podem dizer - subdesenvolvimento é fome. É certo. Mas não é somente fome. É miséria, é desemprego ou baixos níveis de renda. Nós podemos comparar um país a partir de seus níveis de renda média. Os Estados Unidos teria uma renda média por habitante de 2 mil dólares. O Brasil teria a renda média por habitante em torno dos 232 dólares. Entre os Estados Unidos e o Brasil há uma série de países mais ou menos desenvolvidos; abaixo do Brasil há os países inteiramente subdesenvolvidos. Seria este o tipo de definição. Importante para escalonar os diversos países com o grau de desenvolvimento.

A análise mais segura, porém, do subdesenvolvimento seria aquela que procurasse explicar, a partir de uma análise interna dos seus fatores. E vocês sabem que toda a economia tem o fator que é o fator de recursos naturais; a parte geográfica da economia, base partida da atividade econômica, ela tem no fator trabalho, fator mão de obra, fator população, fator homem que é o agente da economia, é o sujeito que trabalha que cria a riqueza, que produz; e ela tem um terceiro fator - que é o fator riqueza, que é o fator capital que vai possibilitar o desenvolvimento, que vai financiar o trabalho humano.

Combinando estes três fatores nós temos o processo econômico. Combinando o capital que é a riqueza acumulada pelo trabalho, o capital difere da riqueza natural por isso. O capital é aquilo que o homem acumula como trabalho produtivo. São as máquinas, são bens de capital, são bens acumulados pelo trabalho humano.

O problema de desenvolvimento está em combinar estes fatores - arrumá-los para a produção, para criar riqueza.

É o subdesenvolvimento vai ser então um desequilíbrio ao nível destes fatores de produção. Por exemplo, a colônia é subdesenvolvida. Por que? - Há um desequilíbrio ao nível do fator terra e do fa-

tor homem. Há uma farta região de terra, de recursos naturais, não explorados, porque não existe lá o homem em quantidade suficiente.

A Amazônia é subdesenvolvida porque há este desequilíbrio. O grande problema dos países subdesenvolvidos é o problema capital. Vocês quando recebem uma renda qualquer, assim também uma nação quando tem uma renda utilizam esta renda ou para consumir (vocês compram alimentos, compram roupas) ou então vocês guardam, vocês poupam, poupança. No sistema moderno, capitalista ou atual esta poupança vocês depositam normalmente num Banco. O Banco então se encarrega de lançar esta poupança dentro do processo econômico. O Banco vai financiar a construção de imóveis, a construção de edifícios. O Banco é então aquele elemento da economia moderna que se encarrega de promover a riqueza. Mas só quando há poupança é que o Banco pode se desenvolver. A Economia como a brasileira é uma economia que tem muito pouco poupança. É fácil ver isto.

Aparte - Professor, um capitalista que deposita o dinheiro dele num Banco estrangeiro ...

- Ele vai fazer a operação como bem entender. Vai empregar seu capital onde houver mais lucros, onde houver mais condições. Ele pode empregar no país, no Brasil, mas geralmente não emprega. Ele emprega fora do país. O Sistema Bancário Norte-americano não permite ao cidadão americano depositar em Banco estrangeiro. Ele fecha. Está muito certo, não é?

É a partir da poupança que se gera o processo. E reparem que a economia brasileira não tem a capacidade da poupança. O operário não pode poupar. Ele ganha o mínimo suficiente para se abastecer. A classe média brasileira não tem incentivo para a poupança. Quando ela acumula certa quantidade de dinheiro ela compra refrigerador, um carro mais novo, mas não ha uma capacidade de poupança muito grande, nas economias subdesenvolvidas. Isto é um grande problema que nos enfrentamos. Como conseguir capital para financiar o nosso desenvolvimento? Esta é a pergunta fundamental da nossa aula de hoje, a partir de que se pode depois situar as nossas situações sociológicas.

Qual então a solução para o problema de capital, numa economia subdesenvolvida?

A lá delas, surgelogo, seria a do capital estrangeiro. Reparar que as nações desenvolvidas tem capital. Mas o capital estrangeiro, se veio pelo setor privado da economia, o que acontece? Ele vem para o Brasil e todo o lucro gerado na empresa estrangeira, ele só vem em função do lucro, o lucro é a poupança no caso, e devolvido. A poupança não se gera. O capital estrangeiro vai apenas instalar uma máquina de sucção da economia.

Isto é o mecanismo do sistema capitalista. Não existe nada de alarmante nisto. O capital só se instala num país quando as possibilidades de lucro são grandes. O lucro é a mola do sistema econômico capitalista. Se não há possibilidade de lucro, você não vai criar uma fábrica. Você não vai montar uma indústria. Tudo gira em torno da mola do lucro. A mola é o impulso do sistema estão aí. A mola é o impulso do capital internacional se localiza também no lucro, se situa também no lucro. E é em função do lucro que ele se orienta. As possibilidades de remessa de lucros, etc. inutilizam o esquema de desenvolvimento em função do capital estrangeiro.

Mas haveria a segunda solução: o capital estrangeiro pelo setor público da economia. Os programas de ajuda externa, os programas de ajuda econômica. Entre eles, a partir do Presidente Kennedy para cá está a discutida "Aliança para o Progresso".

O que é a "Aliança para o Progresso" como mecanismo, como sistema de ajuda financeira, de ajuda econômica. É interessante como, de três dias para cá eu tive a sorte de encontrar um jornal do Rio, que talvez o melhor jornal do país do ponto de vista de objetividade, de segurança, honestidade da informação, que é o Jornal do Brasil. É um

jornal conservador, dentro da chamada imprensa conservadora, talvez um daqueles que tenha ainda a análise mais lucida do nosso processo de desenvolvimento e aquele que toma as posições mais críticas dentro das limitações de um jornal de imprensa conservadora.

Jornal do Brasil do dia 22 de maio, quarta feira passada traz no seu principal editorial, logo abaixo do título do jornal, um estudo muito interessante sobre a "Aliança para o Progresso", em que o jornal defende o espírito da Aliança, como não poderia deixar de ser um jornal de imprensa conservadora. Mas que faz uma análise muito boa como formulação.

Vou pedir a vocês a paciência de me ouvirem na leitura deste trecho:

"Engôdo e Omissão

Quem tiver alguma prova de que a "Aliança para o Progresso" não se traduz em termos de realidade, mas paira nas chamadas campinas da imaginação, deve ler atentamente a nota que a Embaixada dos Estados Unidos emitiu recentemente pelos jornais. Pela leitura da nota, descobrimos com estupefação que o Brasil recebeu, no ano da Aliança para o Progresso mais de 700 milhões de dólares, nos últimos 10 meses. Mas quando a nota fez a discriminação das verbas, compreendendo tudo, estávamos mais uma vez diante de um artifício verbal que o governo dos Estados Unidos costuma usar, desde que a Aliança para o Progresso começou a perder velocidade e rumo.

Os empréstimos concedidos pelo Banco Inter-Americano de Desenvolvimento, foram criados muito antes do lançamento da Aliança para o Progresso. Estão arrolados em documentos divulgados. Como também foram consultados os empréstimos do (uma organização internacional) que visam a financiar a exportação de produtos norteamericanos, inclusive para o Brasil. Outra cifra incluída é a de fornecimento de produtos agrícolas, de acordo com a Lei 480, (é um documento da legislação americana sobre o assunto) que permite aos Estados Unidos fazer escoamento dos excedentes de sua produção que, estocados acarretariam despesas ainda maiores do que as que o governo normalmente faz para subsidiar os agricultores. Resumindo, as autoridades norteamericanas continuam transformando a Aliança para o Progresso em um rótulo que serve até para classificar empréstimos feitos a juros bancários, juros estes não previstos e claro, nas recomendações de Punta del Este. Por outro lado, há uma grande diferença entre locação de verbas e liberação de verbas. Todo e qualquer governo latino-americano sabe disto e tem muita coisa a contar nesta matéria.

A ajuda concedida e, via de regra, a ajuda não passa de uma transação bancária normal, que abre o caminho para novas dívidas que cobrirão dívidas anteriores, que serão cobertas por outras dívidas até o infinito.

Mas na hora de retirar a quantia há mil fórmulas a preencher, mil detalhes a discutir, mil exigências a atender. Assunto que está acontecendo, na verdade é a desfiguração da Aliança para o Progresso. Tudo o que já havia, inclusive tudo que não era pouco para a América Latina passou a ser chamado Aliança para o Progresso. E a nota da Embaixada Norte-Americana é uma prova decisiva do que aqui vimos.

Publicação desta ordem, que refletem a mentalidade predominante, na administração norte-americana, estão em oposição, frontal não são a letra da carta de Punta del Este. Em Punta del Este ficou acertado que ninguém procuraria enganar ninguém. Agora a arte de oficializada, com vistas a opinião pública brasileira e também a norte-americana.

No entanto, também o Brasil tem a sua dose de culpa em tudo isto. O governo Brasileiro parece que não está convencido de que a Aliança para o Progresso é uma operação multi-lateral, que o obriga a participar ativamente. Afinal o Brasil é o autor da idéia original, da operação panamericana. Mas, não insiste, não atua, não remexe, não participa, não critica. E o que é mais grave, não dá resposta a altura, vo-

zes, movimentos irrealis e inoportunos, como o que acaba de ser publicado em nosso país pela Embaixada dos Estados Unidos.

Os compromissos assumidos pelo Presidente João Goulart em Santiago do Chile, no sentido de propor a reformulação da Aliança para o Progresso, até agora não teve qualquer seguimento.

Entre o engêdo e a opção encerram-se as grandes iniciativas do Presidente Kennedy".

Vejam a posição do jornal. O jornal é a favor da Aliança, do espírito da Aliança, da iniciativa, nega que ela esteja se realizando dentro desses moldes. O jornal toma apenas uma posição reformista em relação a Aliança.

Ainda para abordar o problema, eu tive a paciência de ler o relatório da Aliança para o Nordeste, que planifica os investimentos da aliança para a região. E anotei os itens.

O 1º deles se refere a abastecimento d'água.

O 2º é o que êle chama "self help" (auto ajuda), os camponeses da zona do açúcar se organizaram para se auto ajudarem, sob a orientação do "Peace Corps" que é uma organização americana.

O 3º é a eletrificação rural.

O 4º a educação.

O 5º saúde e alimentos para a paz.

Vejam então os setores que êles abordam. São setores apenas de interêsse social para o desenvolvimento.

Do meu ponto de vista parece que o desenvolvimento não se pode fazer a partir daí, somente. O importante para desenvolver o país seria criar condições de trabalho, dar ao homem condições de participar do processo econômico, de atuar nele e de, a partir daí, receber uma renda suficiente para elevar o seu padrão de vida.

Não adianta, a meu ver, dar água, abastecer as populações de água, incentivar apenas o consumo e não resolver o problema da produção, não dar ao homem condições de produzir, condições de êle mesmo ser o autor da história, ser o sujeito do processo econômico.

O problema então de uma economia sub-desenvolvida seria de criar emprego, o de criar trabalho ao nível da indústria, ao nível das atividades produtivas em geral e não apenas o de criar serviços que apenas incentivam o consumo, que apenas desenvolvem a capacidade de compra do sujeito e não a sua capacidade de ganhar dinheiro.

Me parece então que o programa da Aliança para o Progresso necessitaria de uma urgente reformulação de sua estrutura geral. Ou no caso de ser possível, de uma urgente rejeição dos seus itens de ajuda. E esta reformulação já foi proposta pelo governo brasileiro mas, até agora não andou.

Vejam então: o problema da ajuda externa seria uma solução para o desenvolvimento. Mas uma solução que até hoje não encontrou em nenhum país do mundo exemplo de realizações concretas.

A 2ª solução para o desenvolvimento é o que a brasileira tentou até 62 e ainda tenta hoje, é o da inflação.

A inflação é mecanismo de desenvolvimento. A inflação transfere renda de uma classe para outra e financia assim o desenvolvimento. E o financiamento do desenvolvimento brasileiro foi feito sobretudo em função da inflação.

Inflação é um mecanismo de transferência de dinheiro. Quando ela eleva os preços ela na realidade transfere renda daquele setor de rendimentos fixos, salários, para a classe dos empreendedores. E o desenvolvimento brasileiro foi financiado em grande parte pela inflação.

Em parte pela inflação e em parte pelo mecanismo de tributação, pelo im posto. Vocês sabem que o imposto brasileiro é o imposto de indi reto. Ele incide sobre o consumo. Você quando compra uma caixa de fos foro paga imposto. O consumidor é quem paga imposto. O imposto de se- lo também é imposto indireto, e de importação também. 11% apenas do im posto total do país é o imposto de renda, que é o imposto direto.

Na realidade, o Conselho Nacional da Economia, que é o órgão o ficial do governo observou no seu relatório de 1962 que em 1961, no Bra sil, cerca de 90% da carga tributária do peso do imposto caiu sobre a - classe assalariada e a baixa classe média.

Justamente aquele setor da população que menos se beneficia do desenvolvimento.

O desenvolvimento brasileiro, então, sendo em parte positivo, no sentido nacional, indubitavelmente, se fez até hoje através destes - mecanismos: o mecanismo da inflação, que transfere riquezas, o mecanis- mo do imposto.

A inflação começa a se esgotar como modo de desenvolvimento. Daí o Plano Trienal, por exemplo.

A solução para a economia brasileira está hoje, a meu ver, nu- ma mobilização de seus recursos internos, bastante, hoje já para permi- tir um desenvolvimento que a gente chama auto-propulsor - movido por é- le mesmo. E estaria na superação das velhas estruturas econômicas do país sobretudo naquele índice de reformas de base. E no aperfeiçoamen- to dos diversos fatores de produção. No aperfeiçoamento do homem, aí - esta o trabalho de vocês bem encaixado, o trabalho educativo. O desen- volvimento do capital, da rede bancária, do sistema de capitalização, a proveitamento mais racional de recursos naturais.

Cabe então decidir sobre o processo econômico. Diagnosticar a realidade com consciência e marchar para a definição de objetivos e tam- bem corrigir estas desigualdades a que eu me referi. Não só entre regi- oes mas as vezes classes que se beneficiam e classes que se prejudicam pelo progresso de desenvolvimento. Corrigir também as distorções na a- propriação dos fatores produtivos que parece ser o fato fundamental ho- je a se considerar. E o fato que divide mais as forças progressistas - do país, esse o da apropriação dos fatores produtivos.

Vejam então que o problema do desenvolvimento é complexo, as soluções que são aparentes soluções são as vezes engodo, as vezes ape- nas disfarçam uma realidade, e nos temos então que nos preparar para en- frentar conscientemente esta realidade e também preparar as massas do país para uma posição consciente diante disso. Essa é a tarefa de vo- cês a partir deste curso. No âmbito das limitações naturais a que qual- quer trabalho desta natureza se impõe.

*

Vamos aplicar estes conceitos para a análise da situação socio- lógica do grupo.

O ponto de partida do método Paulo Freire para alfabetização, - o ponto tomado como base para motivação, para debate, para conscientiza- ção é uma situação sociológica existencial, retirada do grupo.

Vocês já tomaram contato com este material, com a situação so- ciológica vivencial daquele grupo que é então esquematizada em forma de gravura, projetada, discutida.

O trabalho do coordenador é apenas de orientação dos debates, com idéia de retirar do grupo aqueles conceitos, aquelas observações so- bre aquela situação experiencial, aquela situação de vida, que aqui se - revela, deve então orientar o debate no sentido de conduzi-lo para con- clusões objetivas, no sentido de situar aquela experiência projetada - dentro da situação particular daquela turma. Vocês procuram um traba- lho de identificação, de aproximação com o grupo, a partir de que, en-

tão, o diálogo se torna possível. A partir de que, então, o entendimento ao nível daquela linguagem, daquela situação torna também possível. Só assim parece que a gente pode promover o grupo, ajudá-lo a conscientização dos problemas ali abordados.

A partir de uma identificação com a sua experiência vivencial, com seu universo, com seus pontos de referência. Vocês se lembram daquela situação sociológica, a lá que deve ter sido apresentada a vocês que reflete um sapateiro sentado num tamborete, batendo, pregando solados.

Pois bem, a lá situação é esta. E a palavra base à visualizar será: solado. Vejam então quais seriam as perguntas, quais seriam as ligações que vocês fariam com esta situação e com os problemas da realidade brasileira, com os problemas econômicos e sociais daquele grupo.

Que tipo de pergunta vocês iriam formular? De que modo, vocês iriam, através de perguntas conduzir o debate?

É uma situação de trabalho. Artesanato. A partir daí vocês podem caracterizar, tentar retirar da turma, mostrar o artesanato como tipo de atividade econômica produtiva. O homem criando sapatos.

O artesanato cria um bem. A produção em massa não cria este - bem. O homem que estava em escala de produção ele prega o salto mas - não faz o sapato como produto acabado.

A satisfação do artesão é superior à do operário, neste sentido, quando ele se vê se projetando num objeto. Quando ele se vê realizando numa coisa que ele faz. Procurar valorizar a experiência existencial do sapateiro, a partir daí. Este um aspecto do problema. Mas existem outros.

- Quanto ele gasta num sapato e quanto gastava um ano atrás. Vocês têm assunto interessante a debater. Problema da inflação, o que isto acarreta.

Vejam como a gente pode ir descobrando a situação e ir retirando dali elementos para debate.

- O preço que ele vai usar como produto de industrialização. O artesanato aí já está dependendo do setor industrial. Vejam como é artesanato na economia moderna. Ele já se impregnou de tal modo dentro da economia que ele já depende da economia industrial.

- Higiene, condições de trabalho,

- Problema do aprendizado. Como se formou o trabalho, tipo de aprendizado.

- Para conscientizar é preciso que vocês tornem o homem responsável de alguma coisa, o homem interferindo, o homem decidindo o processo. Aí vocês vão dar a ele consciência da autonomia que ele tem num plano e deve ter no outro o das decisões políticas.

Chafariz, outra situação interessante.

Problema do abastecimento d'água. Isto é mais importante ou mais importante é promover estas populações para o trabalho produtivo e para rendas mais condignas, salários mais condignos?

E a partir daí dar a eles condições de comprar não só água mas o que eles quiserem.

A fila é problema de subdesenvolvimento. Em lugar da água ir até às famílias as famílias devem vir até a água.

Querozene

A partir do querozene para petróleo - Petrobrás.

Problema de eletrificação, Paulo Afonso, distribuição de energia.

Aparte -- Mencira apropriada para resolver a inflação?

A gente pode localizar dentro de um sistema econômico o que se chama pressões inflacionárias. Por exemplo nos estudantes hoje uma grande pressão inflacionária. Foi o negocio da economia agro-pecuária.

Quando muita gente pressiona para comprar alimentos, quando a população aumenta e aumentam as necessidades de consumo de alimentos e quando a produção de alimentos não aumenta, este povo todo vai procurar alimentos, vai pressionar o preço do alimento. Ele vai tender a subir. Subindo o preço do alimento tende a subir o salário. Subindo o salário tende a subir o custo da produção.

Soluções do caso: incentivar a produção de alimentos, evitando uma pressão.

Há estas e há outras.

A inflação só se resolve por reformas de base. E' problema de infra-estrutura.

- Na economia brasileira o setor predominante é o industrial.

** * **

NATAL, 7.6.63

--/Lg.